

A GRAÇA DA INTERCULTURALIDADE

1. De qual púlpito ...

O púlpito de onde compartilho esta experiência e reflexão é o da minha congregação. Vou gastar algumas linhas para apresentá-la. Nós somos as Missionárias da Consolata (MC), e temos 110 anos de vida. Somos um instituto de vida religiosa de caráter exclusivamente missionário, fundado na Itália, precisamente em Turim. O Fundador é o beato Giuseppe Allamano, sacerdote da diocese de Turim que antes de nós fundou os Missionários da Consolata (1901). Allamano concebeu seus missionários e missionárias como um pequeno instituto missionário *ad gentes* de caráter regional, mas, como costuma acontecer no desenvolvimento da compreensão de um carisma, depois de alguns anos ampliou sua perspectiva e começou a acolher membros de outras regiões da Itália. Hoje nós, Missionárias da Consolata, somos 540, viemos de 16 nações de três continentes - África, América e Europa - e vivemos em 17 nações em 4 continentes - África, América, Ásia, Europa.

2. As origens

Nascidas em 1910, as primeiras MC partiram para o Quênia em 1913. São 15 missionárias muito jovens que, após sua formação inicial na Casa Mãe de Turim, ingressam na área central do Quênia, Nyeri, entre o povo Kikuyu. É exatamente aqui que as nossas Irmãs crescem como religiosas missionárias. Aqui, no Quênia, o carisma se enraíza cada vez mais em seus corações e revela aspectos insuspeitados. O Fundador sabe disso e pede com insistência às missionárias que **escrevam** o que percebem em seus corações, suas impressões no contato com o “diferente”, seus pensamentos e sentimentos. Incentiva constantemente as MC a **aprender a língua local**, a fazer de tudo para se comunicar com as pessoas, a **preencher seus cadernos com frases ouvidas** aqui e ali, provérbios, palavras, ditados populares. Na verdade, muitas dessas irmãs irão adquirir um domínio extraordinário do *Kikuyu*, não apenas como língua, mas também como linguagem: modos de expressão, estilo narrativo, simbolismo, histórias, metáforas, provérbios, etc. O Fundador lê seus diários com interesse, obtendo valiosas sugestões e estímulos para a elaboração de nossa metodologia missionária, já traçada pela experiência dos Missionários da Consolata que chegaram ao Quênia alguns anos antes, em 1902. Desde as primeiras trocas de Allamano com os seus missionários no Quênia se reconhecem as raízes de um **método missionário de inserção e profunda interpenetração na vida do povo**. Numa carta de 1904 aos missionários do Quênia, presentes no país entre o povo Kikuyu há dois anos, Allamano convida os seus a serem pacientes e propõe o exemplo do Pe. Matteo Ricci, SJ: “Eu estava lendo há poucos dias, como na China, a conversão procedia triunfante quando o Jesuíta Pe. Ricci tolerou certas oblações aos mortos...; algumas cabeças pequenas se opuseram a ela, e isso resultou em perseguição e no fim do bem. Para remover o mal é preciso paciência e tempo »¹. Por ocasião do primeiro encontro de todos os Missionários da Consolata presentes no Quênia, que passou à história missionária como "As Conferências de Murang'a", em março de 1904, os dez Padres presentes expuseram os pontos essenciais do seu método missionário. Usando a linguagem típica da teologia missionária da época,

¹ C. BONA, ed., *Quasi una vita ... Lettere scritte e ricevute dal Beato Giuseppe Allamano con testi e documenti coevi*, IV, Roma 1994, 80.

os missionários explicitaram seu interesse pela "formação do ambiente", o estudo sério da língua local, a formação e colaboração com os catequistas locais, as visitas sistemáticas às aldeias estabelecendo relações de confiança com pessoas, a atenção à dimensão do cuidado e da educação². Certamente, naquela época não se falava de cultura, de inculturação e de interculturalidade, mas já nos primeiros esboços de nossa metodologia missionária³ existe uma orientação para o respeito e consideração pelo ambiente em que os missionários estão inseridos, e a simpatia e o interesse pela língua, as tradições, a visão de mundo dos povos das quais são recebidos.

O Fundador valorizará o que os seus missionários e missionárias lhe retribuem em suas frequentes correspondências e diários, regularmente enviados à Casa Mãe. Pode-se dizer que, desde o início, o encontro com uma cultura diferente ajudou a moldar o Instituto, a elaborar uma metodologia missionária, a revisar a formação de base, abrindo caminhos para uma explicação mais clara, articulada e viva do carisma missionário consolatino. Costumamos dizer entre nós que nascemos na Itália e nossas raízes estão inequivocamente aqui, mas fomos criados no Quênia, então a África é para nós o primeiro lugar de crescimento, do amadurecimento missionário e carismático. Ao qual, pela graça, ao longo dos anos, a influência de outros povos será adicionada.

3. O conceito de interculturalidade e outros conceitos relacionados a este⁴

Não podemos abordar o conceito de interculturalidade sem esclarecer outros termos que estão relacionados a ele e / ou enquadrar o que significa e propõe a interculturalidade:

Multiculturalismo: quando falamos de um grupo ou de um evento ou de uma vida multicultural, estamos destacando o fato de que seus participantes ou membros vêm de culturas diferentes; por exemplo, uma paróquia, uma empresa, uma cidade e até um país podem ser multiculturais. Se destacarmos o fato de que as pessoas também vêm de diferentes nacionalidades, diremos que este grupo é multicultural e internacional. No entanto, esse fato, por si só, não implica qualquer relacionamento ou interação entre seus membros. Posso viver toda uma vida numa cidade habitada por vizinhos de diferentes origens culturais sem que isso me leve a querer aprender a sua língua, saborear os seus pratos típicos, compreender os seus valores, etc. Se representássemos essa situação com um gráfico, poderíamos visualizá-la assim⁵:

² Cfr. o documentos das «Conclusioni delle Conferenze tenute nella stazione del S. Cuore di Gesù a Fort Hall il 1-2-3 marzo 1904, presenti 10 sacerdoti missionari» in A. TREVISIOL, *Uscirano per dissodare il campo. Pagine di storia dei Missionari della Consolata in Kenya: 1902-1981*, Roma 1989, 712-718.

³ Para uma análise aprofundada da metodologia missionária dos Missionários da Consolata, consulte as seguintes contribuições: A. CASTRO, «La metodologia missionaria in Giuseppe Allamano», in: *Documentazione IMC*, 4 (1983) 26-35; Id., *Padre e maestro di missionari. Aspetti della pedagogia missionaria di Giuseppe Allamano*, Bologna 1986. ; ISTITUTO SUORE MISSIONARIE DELLA CONSOLATA, *La nostra metodologia missionaria oggi secondo l'Allamano. La sintesi del metodo – parte prima*, Quaderno 1, Grugliasco marzo-aprile 1989; Id., *La nostra metodologia missionaria oggi secondo l'Allamano. La sintesi del metodo – parte seconda*, Quaderno 2, Grugliasco maggio-giugno 1989.

⁴ Para esta seção da apresentação, usaremos muito A.C. MILMANDA, *La vita interculturale come segno di speranza profetica*, Relazione tenuta all'Assemblea Plenaria della UISG, Roma, 6-10 maggio 2019.

⁵ Os seguintes gráficos e a forma de apresentá-los são retirados de Gittins, Anthony J., *Vivendo la Misión Interculturalmente: Fe, Cultura y Renovación de la Practica* (Kindle Locations 621-746). Liturgical Press. Kindle Edition.

Experiência transcultural: digamos agora que uma pessoa da cultura "A" decide se mudar para o distrito da cultura "B". A pessoa teria uma experiência intercultural. Observe que estamos falando de uma "transferência" por um período de tempo e não apenas de uma visita turística. A transferência implica, neste exemplo, um grau de compromisso e risco que não somos obrigados a correr quando estamos de passagem e nos consideramos turistas, visitantes, exploradores ou, na pior das hipóteses, conquistadores ou colonizadores...

Se o representássemos com um gráfico, poderíamos visualizá-lo assim:

Essa experiência de aprender e se adaptar a outra cultura, diferente daquela em que crescemos, é chamada de aculturação. A aculturação é por si só, uma experiência estimulante e enriquecedora depois de passar as etapas que normalmente ocorrem em maior ou menor grau, dependendo da extensão da diferença cultural e da personalidade e preparação do interessado. Em geral, essas etapas vão desde um primeiro apaixonamento idílico pelo "diferente", até uma profunda rejeição dessa mesma "diferença", até encontrar um equilíbrio que consiste em valorizar as qualidades, mas também discernir as sombras da outra cultura, bem como a sua. Se esse equilíbrio não for encontrado, a pessoa corre o risco de ficar presa em um sonho que não corresponde à realidade (freiras / padres que "maternizam / paternalizam" a cultura assumida e depois agem e falam "delas" como "coitadinhos / coitadinhas..." ou não conseguem desenvolver relações com as pessoas do lugar: apesar do tempo que passou, todos os seus amigos e contatos continuam a ser do seu lugar de origem e estão excessivamente em contato com eles e / ou com as notícias vindo daquele lugar). Ou, ao contrário, sofrem tal choque cultural que afundam na depressão, na apatia, na hipocondria, em uma preocupação excessiva com sua saúde e / ou limpeza, excessos nas horas de sono ou alimentação, etc. Todos esses são "sintomas" de um choque cultural, ao qual devemos prestar muita atenção se persistir ao longo do tempo após uma transferência intercultural.

Menciono esses processos que ocorrem na transculturação porque muitas vezes coincidem com a formação de uma comunidade multicultural. Portanto, é muito importante levar em conta que em muitas ocasiões a pessoa não está apenas se adaptando à cultura do lugar em que chegou, mas talvez também esteja aprendendo um novo idioma - o que, por si só, já é bastante recorrente - mas também, e simultaneamente, ela está interagindo com múltiplas culturas dentro e talvez até fora de sua comunidade. Às vezes, quando se formam comunidades multiculturais, os processos pessoais de transculturação e inculturação que cada um dos irmãos / irmãs percorre, por sua vez, a nível pessoal, paralelamente à comunidade e aos desafios pastorais, não são tidos em conta ou acompanhados suficientemente. Em si, processos verdadeiramente interculturais só podem ser iniciados com pessoas que já vivem a experiência da transculturação há pelo menos 3 anos.

Interculturalidade: Voltemos agora ao gráfico das culturas A, B, C e D, para ilustrar a diferença entre multiculturalismo e interculturalismo.

Enquanto o primeiro gráfico destacou a coexistência de diferentes culturas em compartimentos claramente delimitados, neste segundo gráfico vemos setas saindo de cada grupo ou pessoa em direção a cada um dos outros grupos ou pessoas, destacando a inter-relação entre todos. Ao mesmo tempo, as setas não indicam uma única direção, mas uma via de mão dupla: uma saída para a outra pessoa e uma recepção da outra pessoa. Além disso, as linhas divisórias não são contínuas, mas quebradas, tornando as fronteiras entre algumas culturas e outras não mais tão nítidas e claras.

No entanto, este gráfico ainda não ilustra a comunidade intercultural. Os bons relacionamentos, a comunicação e uma boa convivência - embora sejam muito importantes e necessários - não são suficientes. A comunidade intercultural é chamada a ir além da tolerância das diferenças e a viver um processo de **transformação ou conversão** que a desafia a criar, a partir desta inter-relação, **uma nova cultura**.

Neste terceiro gráfico, chamaremos "E" a esta nova cultura que é o fruto da vida intercultural. A cultura "E" será composta por uma nova e única combinação de alguns elementos de cada uma das culturas participantes, fazendo com que cada pessoa se sinta, ao mesmo tempo, "em casa", mas também perante algo de "novo".

Esta combinação surgirá como resultado sempre dinâmico do processo de interação e acordos alcançados entre as partes. Nesse processo, a comunidade se enriquece mutuamente com os valores e as luzes que cada cultura traz, mas também tem que enfrentar o desafio e enfrentar as sombras e os pontos cegos que cada cultura contém. Este modelo de interação comunitária entre culturas em um plano de simetria e igualdade é diametralmente oposto ao modelo assimilacionista que prevaleceu (e ainda sobrevive?!!) em grupos onde as culturas minoritárias ou presumivelmente "subdesenvolvidas", "incivilizadas" ou "pagãs" tiveram que se adaptar, alinhar e assumir a cultura superior ou majoritária, deixando de fora a sua própria. Este modelo assimilacionista tem guiado a maioria de nossas Congregações no "recrutamento" vocacional nos chamados "países de missão". O modelo assimilacionista se enquadra em uma abordagem que implica a integração como afirmação hegemônica da cultura do país anfitrião. Segundo este modelo, espera-se que a pessoa migrante ou em formação, no nosso caso, se comporte e assuma a cultura da sociedade ou comunidade de acolhimento, independentemente da sua própria cultura de origem ou mesmo anulando-a.

Ao contrário, em vez de buscar a "assimilação", que nega e quer apagar as diferenças, o modelo que apresenta a interculturalidade busca conhecer, valorizar, aprofundar e integrar essas diferenças. Como resultado da inter-relação e do encontro entre as culturas, somos convidados a criar uma nova cultura "E", na qual cada uma pode dar o melhor de si, partilhar os seus dons e deixar-se desafiar pelo encontro e pela relação com o "diferente", para que as nossas sombras se transformem na luz do Evangelho. Humanamente falando, a interculturalidade é um movimento contra cultural. As nossas culturas nos "programam" de tal forma que tendemos a nos relacionar com "os nossos", para nos defendermos dos "outros", dos "diferentes" e das suas ameaças

potenciais. Porém, partindo da fé e da força da graça, a inclusão na igualdade é o Projeto de Reino que Jesus pregou e, como tal, é obra do Espírito Santo.

Cultura: O que acaba de ser apresentado leva-nos, por sua vez, a aprofundar brevemente a compreensão do termo “cultura”. O conceito como tal, de origem antropológica, não tem uma definição única, mudou ao longo do tempo e pode ser analisado a partir de centenas de perspectivas diferentes. Ir. Adriana Milmanda, SSpS, propõe para nossos propósitos utilizar o seguinte:

Modo de vida de um grupo de pessoas - comportamentos, crenças, valores e símbolos - que aceitam, geralmente sem pensar, e que se transmitem por comunicação e imitação de uma geração a outra.

Na definição do Concílio Vaticano II,

O termo genérico de "cultura" pretende indicar todos os meios pelos quais o homem refina e desenvolve as múltiplas habilidades de sua alma e corpo; ele tenta reduzir o próprio cosmos ao seu poder através do conhecimento e do trabalho; torna mais humana a vida social, tanto na família como em toda a sociedade civil, através do progresso dos costumes e das instituições; finalmente, com o passar do tempo, ele expressa, comunica e preserva em suas obras as grandes experiências e aspirações espirituais, para que possam servir ao progresso de muitos, na verdade de toda a raça humana. Consequentemente, a cultura tem necessariamente um aspecto histórico e social, e a voz "cultura" frequentemente assume um significado sociológico e etnológico⁶.

Parece útil relatar também a definição de Carrier, mais articulada, que busca entender e ampliar o que outras definições veiculam:

A cultura é todo o ambiente humanizado por um grupo, ou seja, sua forma de compreender o mundo, de perceber o homem e seu destino, de se divertir, de se expressar com as artes, de transformar a natureza com técnicas e invenções. A cultura é o produto do gênio do homem, entendida no sentido mais amplo; é a matriz psicossocial que se cria, consciente e inconscientemente, uma coletividade: é o seu quadro de interpretação da vida e do universo; é a sua própria representação do passado e seu projeto de futuro, as suas instituições e as suas criações típicas, os seus hábitos e as suas crenças, sua forma original de comunicar, de produzir e trocar bens, de celebrar, de criar obras que revelem a própria alma e os seus valores íntimos. A cultura é a mentalidade típica que cada indivíduo adquire ao se identificar com uma comunidade, é a herança humana transmitida de geração em geração. [...] Por ser um fenômeno da psicologia coletiva, envolve grande parte do inconsciente, aspectos que os observadores estrangeiros muitas vezes podem perceber com maior acuidade do que os membros do grupo observado⁷.

Um aspecto significativo que emerge das diferentes definições é que a cultura não é um conjunto amorfo de costumes, valores, instituições e técnicas, mas um todo unitário, uma estrutura com uma própria lógica e dinâmica interna, que se expressa e explica o modo de ser no mundo de um determinado povo ou grupo social, desde a interpretação do universo e da vida aos usos e técnicas que caracterizam o cotidiano individual e social. São essas estruturas e dinâmicas internas,

⁶ Gaudium et Spes, n. 53.

⁷ H. CARRIER, Dizionario della cultura per l'analisi culturale e l'inculturazione, Città del Vaticano 1997, p. 122.

também expressas em instituições e organizações externas, que a antropologia cultural pretende estudar e que, para nossos propósitos, é essencial ter em mente.

A cultura como tal não existe; mas existem pessoas que personificam uma determinada cultura ou usam certas "lentes culturais" que dão sentido à vida delas e permitem que se comuniquem e se organizem. A minha cultura é a melhor forma que o "meu" povo encontrou para sobreviver e se desenvolver no contexto e no lugar onde vivemos. Portanto, nenhuma cultura pode reivindicar o direito de se tornar uma "norma" universal para as outras culturas. O nosso desafio, como Igreja, é que, durante séculos, a nossa fé se confundiu com a cultura que mediou sua transmissão (tanto as culturas que mediaram a escrita de nossos textos sagrados quanto a cultura ocidental que posteriormente possibilitou o estabelecimento da Igreja em outros lugares).

Vejam algumas características da cultura: a cultura se aprende e se transmite, por meio da socialização nos grupos primários e secundários em que se cresce (a família, o clã, o bairro, a escola, a cidade ou o campo, a classe social, a religião, a profissão e os diversos grupos de identificação e pertença). A cultura é estável e dinâmica, muda muito lentamente, mas é tão parte de nós que não a conhecemos até "sair" dela.

Só no contato com "outra cultura", "diferente", passamos a conhecer a nossa própria cultura e a dos outros de forma reflexiva... é um conhecimento que surge da comparação com os "outros", aqueles e aquelas que estão "fora" do nosso grupo. Esta divisão entre "nós" (mulheres/homens, católicas/católicos, religiosas/os, europeias/eus, italianas/os, do Norte, etc.) e "eles" (aqueles que não são como "nós") nos protege e nos dá um sentido de identidade e de pertença, mas também nos isola, nos contrasta e nos enche de medo diante do "desconhecido". Não existem culturas superiores ou mais desenvolvidas e culturas menos desenvolvidas ou inferiores, mas culturas diferentes. E cada cultura acredita que é a melhor porque é a melhor forma que permitiu ao seu grupo de se adaptar ao contexto em que se desenvolveu.

Conhecer a cultura é muito difícil. Para ilustrar essa dificuldade, geralmente podemos comparar a um iceberg, cuja superfície pode ser vista apenas por 10%, enquanto os 90% estão debaixo d'água. Da mesma forma, os elementos materiais de cada cultura (como roupas e alimentos típicos, artefatos tradicionais, danças, etc.) compõem os 10% que podemos ver, sentir, ouvir, cheirar e nomear com facilidade. Nos 90% restantes, que correspondem aos elementos intangíveis, podemos distinguir, por sua vez, 3 níveis: um primeiro nível parcialmente visível que podemos acessar quando o procuramos intencionalmente (o que está por trás da linguagem, os estilos de comunicação, o estilos de liderança, de resolução de conflitos, etc.), um segundo nível (o dos valores centrais), que podemos acessar com grande dificuldade e introspecção, e um terceiro nível (o dos pressupostos básicos), que é tão profundo e inconsciente que não podemos saber realmente: é o que consideramos "normal", "o que é dado".

Partindo deste breve quadro terminológico, procuremos esclarecer que viver interculturalmente é uma vocação e opção contra cultural e que, como tal, apela à fé e a uma vida de graça. Humanamente, todos nós tendemos a procurar e interagir com aqueles com quem nos identificamos e, conseqüentemente, que nos fazem sentir compreendidos, incluídos, acolhidos.

O "diferente", ao contrário, tende a nos assustar, a nos desafiar, nos faz ser desconfiados. Essa desconfiança, especialmente em relação às culturas que sofreram a experiência da colonização ou da invasão de suas nações, não é injustificada nem de pouca consequência; pelo contrário, é uma ferida coletiva que dura gerações e que deve ser curada a nível pessoal, para que possamos enfrentar um projeto de vida e de missão intercultural. A vida intercultural não é algo de automático, que surge da mera coexistência de pessoas de diferentes culturas, pelo contrário, deve ser intencionalmente construída e tornada própria como processo de conversão pessoal e comunitária. Ao contrário das empresas transnacionais, que procuram fazer da interculturalidade uma ferramenta que melhore as suas vendas, nós somos convidados a transformá-la num estilo de vida que nos torne mais fiéis no seguimento de Jesus e na construção do Reino.

4. O leite do povo

Isaías 60, 4-6.16

*Levanta os olhos e olha à tua volta:
todos se reúnem para vir a ti;
teus filhos chegam de longe,
e tuas filhas são transportadas à garupa.
Essa visão te tornará radiante;
teu coração palpitará e se dilatará,
porque para ti afluirão as riquezas do mar,
e a ti virão os tesouros das nações.
Serás invadida por uma multidão de camelos,
pelos dromedários de Madiã e de Efé;
virão todos de Sabá, trazendo ouro e incenso,
e publicando os louvores do Senhor.
Sugarás o leite das nações,
e mamarás ao peito dos reis:
saberás que eu, o Senhor, sou teu salvador,
que teu redentor é o Poderoso de Jacó.*

A experiência de convivência com diferentes povos, de contato com diferentes experiências do sagrado, ampliou e aprofundou em nós a compreensão do carisma que se traduz em uma visão particular da missão. Falo do contato com as diferentes experiências do sagrado porque a experiência do sagrado é o cerne de toda construção cultural. A visão da vida, da pessoa, do cosmos, os modelos de pensamento, as configurações relacionais, o mundo afetivo-simbólico, enfim, o que constitui a alma do povo e que estrutura sua existência encontra seu centro na **experiência do sagrado**. O acesso a estes níveis profundos de cultura, isto é, **o contato com a alma do povo**, é condição indispensável para uma evangelização que assim se pode chamar: «Importa evangelizar, não de maneira decorativa, como que aplicando um verniz superficial, mas de maneira vital, em profundidade e isto até às suas raízes, a civilização e as culturas do homem,

[...] a partir sempre da pessoa e fazendo continuamente apelo para as relações das pessoas entre si e com Deus»⁸, nos adverte Paulo VI em *Evangelii Nuntiandi*. Então o compromisso com a inculturação é, em última instância, um compromisso de contato espiritual com o povo, com a pessoa. Mas no contato espiritual, a comunicação não acontece em uma única direção. Pelo contrário, trata-se de uma troca de dons, de uma transformação mútua, da arte de permitir que o Espírito construa pontes sobre as quais os conhecimentos e as experiências possam passar e se encontrar.

Se tudo isto é verdade para a evangelização inculturada, também o é para a graça da interculturalidade dentro dos nossos Institutos, graça de transformação, graça que nos nutre e nos faz crescer.

5. Por uma inculturação e interculturalidade carismática

Gostaria de compartilhar aqui seis pontos que, em nossa experiência, são importantes para um caminho de inculturação e interculturalidade evangélica e carismática:

- I. Crescer juntos
- II. Cuidar a linguagem
- III. Aprender a receber
- IV. Descer ao coração
- V. Descobrir a sabedoria da ignorância
- VI. Comer na mesma panela

5.1 Crescer juntos

Caminhar juntos, superar as dificuldades e gozar juntos as alegrias, torna-nos "companheiros", torna-nos mais irmãos e irmãs. A formação inicial vivida em grupos interculturais revela-se para nós como uma das maiores oportunidades de abertura ao outro, ao diferente, para que este diferente se torne "meu": a minha irmã é minha. É também uma oportunidade muito preciosa de "reunir", de colher as ressonâncias carismáticas refletidas e reelaboradas segundo as diferentes experiências culturais e de relação com o sagrado. Nesse sentido, desde a década de 1980, nosso Instituto se orientou decididamente para uma formação intercultural, isto é, capaz de promover a interação entre irmãs de origens e culturas diversas. O Noviciado Internacional Único, inaugurado em 2016 por decisão do Capítulo Geral, é uma expressão abençoada da beleza e da profecia do caminho intercultural.

5.2 Cuidar a linguagem

Crescer juntos também significa ter oportunidades concretas de quebrar os preconceitos. A amizade sincera que surge entre duas irmãs de culturas diferentes é o melhor antídoto para o preconceito e o racismo, que infelizmente também podem se insinuar em nossos ambientes. Antídoto muito mais eficaz do que muitas conferências sobre o assunto. Se sua irmã, a quem você ama, for chinesa e você não, dificilmente estará disposto a aceitar preconceitos sobre os chineses. Você também aprenderá a cuidar a linguagem, muitas vezes sujeita a estereótipos e revelando um

⁸ Paulo VI, Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, Roma 1975, n. 20.

pensamento e sentimento ainda colonizados por prejuízos. Quando falamos sobre “nós” e “vós” e, portanto, sobre “eles”, uma luz de problema se acende. O que diferencia "eles" de "nós"? Quem são o “eles”? E o "nós" quem somos? O que ou quem qualifica a pertença? As generalizações são outro sinal de alerta: ela vem da Itália, ela da Alemanha, ela dos Estados Unidos e ela da África. Da África! Como se fosse uma única nação, uma única cultura, talvez uma única aldeia! Mas a África é um imenso continente com mais de 30 milhões de quilômetros quadrados, formado por 54 estados e uma variedade de povos diferentes, o berço de culturas muito antigas... Nas estatísticas anuais de uma congregação você pode encontrar uma coluna que registra as freiras italianas e outra que registra as "estrangeiras". Estrangeiras!

5.3 Aprender a receber

Cultivar aquela expressão requintada de amor que é a receptividade, a hospitalidade. O que é uma prerrogativa muito feminina. Creio que o cuidado da dimensão “feminina” do nosso ser (sim, também dos homens...) e da missão seja um dos fatores mais poderosos da inculturação carismática⁹. Não é à toa que a Encarnação ocorre em uma mulher. Vivo o carisma se se torna "meu", se se faz carne em mim. Eu acolho o outro de verdade se ele se tornar "meu", do meu sangue, pertencente verdadeiramente à minha própria família. Então sim, eu cuido deles. E deixo que cuidem de mim.

5.4 Descer ao coração

Se o carisma não desce ao coração, não se torna parte integrante do sistema que motiva a pessoa, que estrutura a sua existência... se o carisma não se torna de alguma forma a metáfora que sustenta a vida da pessoa, então a pessoa não o internalizou. Não é suficiente estudar o carisma, os documentos do Fundador. O carisma deve descer ao coração, tornar-se o coração da pessoa. Então a pessoa o inculturarão, porque do tesouro do coração da pessoa o carisma saberá extrair coisas novas e velhas e dar-lhes uma luz sem precedentes. Obviamente, para que isso aconteça, o coração deve estar suficientemente aberto e capaz de se deixar transformar no sentido da vida. O acesso ao coração de uma pessoa também significa acesso ao seu coração cultural. Falamos antes do contato com a alma do povo. E se queremos realmente atingir as camadas mais profundas da pessoa e do povo, uma atitude essencial é **ouvir e ter vontade de aprender**. Num clima de escuta verdadeira e empática, o coração da pessoa e do povo pode abrir-se e fazer emergir da sua urna desejos, sonhos e experiências que interagem com o carisma, enriquecendo-o com novas expressões e sugestões e ao mesmo tempo ganhando, em contato com ele, novo esplendor.

5.5 Descobrir a sabedoria da ignorância

A ignorância pode desempenhar um papel fundamental no caminho da inculturação e do multiculturalidade carismática. Ignorar o mundo do outro (pessoa ou povo), a sua cultura, as metáforas que sustentam a sua vida significa privar-se do contato com a sua alma e, portanto,

⁹ Para aprofundar o tema da dimensão feminina da missão: cfr. BRAMBILLA, S., “La dimensione femminile della missione”, in: L’interculturalità: nuovo paradigma della missione. Atti del Convegno IMC sull’interculturalità - Roma, 4-7 dicembre 2009, Roma 2010, pp. 45-57.

excluir a possibilidade de uma relação significativa no sentido evangélico e carismático. Por outro lado, a reconhecida ignorância pode ser felizmente colocada a serviço de relações evangélicas que podem mediar humildemente a passagem da graça carismática. O ignorante, aquele/a que **vem de fora** e não sabe nada da cultura local, tem uma vantagem: a de poder fazer perguntas que os locais nunca fariam, porque são "óbvias" ou inconvenientes. Para o ignorante, entretanto, essas perguntas são concedidas porque "vem de fora" e são perdoadas. Aquele que vem de fora, pela própria diversidade ou estranheza, tem o poder de fazer ou levantar questões que, de outra forma, permaneceriam inexploradas. Às vezes, as questões aparentemente mais simples são aquelas que abrem novos caminhos porque levam a pessoa (ou a instituição) a considerar o que, o que era "óbvio" ou dado como certo, e instituído, já não constituiu mais, ou nunca constituiu, o objeto de reflexão. Quanto nós necessitamos daqueles que "vêm de fora" para alargar a tenda pessoal, comunitária e carismática!

5.6 Comer na mesma panela

Felizmente contaminada pelo pensamento Bantu-Macua¹⁰, gosto de imaginar as nossas congregações como uma cozinha: todos nós sentados ao redor de uma única panela, cada um trazendo algum ingrediente vital para cozinhar uma boa polenta que alimentará a todos. Diz um provérbio Macua: «A panela da polenta é uma, as porções da polenta são diferentes». Para a visão de mundo banto-africana, todos nós viemos da mesma "panela", somos compostos da mesma "massa", nos alimentamos da mesma vida. Em uma família, é impensável cozinhar polenta em muitas panelas diferentes: a panela de onde tirar é uma, a farinha é a mesma, embora seja distribuída em porções distintas. A Igreja, que se alimenta do mesmo e único Pão da Vida, não pode deixar não se reconhecer nesta imagem, e é chamada a torná-la cada vez mais real e visível, não só a nível litúrgico e celebrativo, mas também em nível de estruturas, de economia, de práticas pastorais, de estilos de vida e relações. Mas isso também se aplica às nossas congregações. A inculturação e a interculturalidade carismática são requisitos obrigatórios para quem deseja aceitar o convite para comer da mesma panela. O diálogo entre carisma e culturas não é apenas uma necessidade: é uma oportunidade e um dom, uma ocasião para descobrir as riquezas originais que Deus colocou em cada povo, acolhê-las na **panela carismática** e compartilhá-las com o resto da humanidade. Perder a oportunidade de entrar em contato com a experiência humana e espiritual de um povo significa também perder a oportunidade de entrar em contato com uma experiência única e original de Deus, dada a esse povo para ser compartilhada e enriquecida, incrementada, para transformar a Vida de todos aqueles que estão dispostos a "comer da mesma panela". Qual é o ingrediente adequado e original que esse povo pode trazer para a congregação? Que nova luz a sua experiência de caminhar com Deus lança sobre a compreensão do carisma? O que recebemos deste povo? Como esse povo nos evangelizou? Como ele contribuiu para a vitalidade do carisma?

6. Seguindo a tartaruga

Um provérbio macua diz: "A tartaruga viaja com sua casa.". O povo Macua costuma aplicar este provérbio a Deus e a tudo o que lhe pertence: Deus tem vida em si mesmo, por isso não tem morada fixa, vai por todo o lado e dorme onde está: a sua casa está em todo lugar e em toda parte

¹⁰ O povo Macua representa a etnia majoritária de Moçambique, onde tive a graça de viver dois anos.

e com todos está "em casa". Um belo ícone da inculturação carismática! Um carisma vivo não tem morada fixa e, onde quer que chegue, está em casa.

A relação entre o consagrado (ou Instituto) e o povo pelo qual é recebido é de reciprocidade: o carisma "passa" do consagrado / Instituto ao povo, mas o povo devolve uma elaboração carismática original, que traz a marca do "gênio" do mesmo povo¹¹. A tartaruga come o vegetal do local onde se encontra e este vegetal a alimenta e faz crescer. A inculturação carismática torna-se então uma verdadeira fonte de renovação: o estímulo dado pelo contato com outras experiências, as diferentes formas de receber e devolver o patrimônio carismático contribui para enriquecê-lo. Nas palavras de Cencini: "É esta troca, esta comunhão de caminhantes que enriquece a vida consagrada, evita a estagnação do seu sangue e abre os pulmões ao ar puro, favorecendo a circulação da sua energia vital." ¹². Um carisma que não sabe se inculturar está morto ou prestes a morrer, sofrendo de parada cardiocirculatória, asfixiado, como uma tartaruga que é impedida de olhar fora da carapaça. Enlouquece um carisma que não se expõe às provocações de diferentes culturas, que não sabe "aprender a língua" de outros mundos, como a tartaruga que se vê obrigada a reprimir a sua natureza de andar. Sim, porque a natureza do carisma, sendo eclesial, é em si mesma missionária, e pede para se mover, para peregrinar, para se encontrar com outras expressões do Espírito que dança no mundo. Destes encontros surge o carisma regenerado, fortalecido, crescido, multiplicado, fecundo, colorido e cada vez mais ele mesmo, vigoroso, refinado, purificado, capaz de devolver vida nova e novas perspectivas à congregação.

Ir. Simona Brambilla, MC

Julho de 2020

¹¹ Cfr. JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica *Vita Consecrata*, Roma 1996, n. 80.

¹² CENCINI, A., «Com'è bello stare insieme...» La vita fraterna nella stagione della nuova evangelizzazione, Milano 1996, 85-86.